

“As Principais Correntes do Pensamento Americano”, Irwin Shaw

Tradução

Tradução de **Carla Morais Pires**

FLACKER: Muito bem, miúdo, agora é melhor falares, ditava Andrew. Didascália: Barulho de uma porta a fechar, o lento rodar da chave na fechadura. BUDDY: Nunca conseguirás pôr-me a falar, *Flacker*. Didascália: Som de uma bofetada. FLACKER: Talvez isto te faça pensar de forma diferente, miúdo. Onde está *Jerry Carmichael*? BUDDY: (rindo) Não gostarias de saber, *Flacker*? FLACKER: *Gostaria* (arrastadamente, com um tom de voz ameaçador)... e vou descobrir. De uma maneira ou de outra, percebes? Didascália: sinal sonoro, aumenta de volume, desaparece. Locutor: Irá *Buddy* falar? Conseguirá *Flacker* obrigá-lo a revelar o paradeiro do filho resgatado do rei dos caminhos-de-ferro? Conseguirá *Dusty Blades* alcançá-lo ainda a tempo? Estejam atentos na segunda-feira, à mesma hora, etc, etc...

Andrew deixou-se cair no sofá e pôs os pés ao alto. Espreguiçou-se e suspirou enquanto olhava para Lenore, que acabava de rabiscar o seu ditado no bloco de notas.

— Trinta dólares — disse ele. — Mais trinta dólares. Tem o tamanho certo?

— Hum... — fez Lenore. — Onze páginas e meia. Esta é das boas, Andy.

— Pois — retorquiu Andrew, fechando os olhos. — Põe-na ao lado do *Moby Dick* na tua estante.

— É uma história muito empolgante — continuou Lenore, levantando-se.

— Não percebo de que se queixam.

— És uma rapariga amorosa — Andrew pôs as mãos nos olhos e esfregou, esfregou. — Tenho dobradiças de madeira nas pálpebras. Consegues dormir à noite?

— Não faças isso aos olhos — advertiu Lenore, começando a vestir o casaco. — Só os irritas.

— Tens razão. — Andrew levou então os punhos aos olhos e rodou-os lentamente. — Nem calculas como tens razão.

— Amanhã às dez? — perguntou Lenore.

— Às dez. Arranca-me dos braços do sono. Vamos deixar *Dusty Blades* entregue à sua sorte, durante esta semana, e continuar com as aventuras de *Ronnie Cook e os Seus Amigos*, a quarenta dólares a história. Sempre gostei mais de escrever sobre *Ronnie Cook* do que sobre *Dusty Blades*. Estás a ver o que dez dólares fazem a um homem? — Abriu os olhos e viu Lenore a pôr o chapéu em frente ao espelho. Afinal, não era assim tão feia. Sentia muita pena dela, simples como areia, com a tez do rosto uniforme e o cabelo caído como corda, e sem nunca ter tido um homem. Punha um chapéu encarnado, colocando-o de forma a parecer que ia cair, inclinado para um dos lados. Dava-lhe um ar engraçado e triste. Andrew percebeu que era novo. — É um chapéu mesmo muito bonito — disse ele.

— Pensei muito antes de o comprar — respondeu Lenore, corando por ele ter reparado.

— Har-riet! — gritou a governanta da porta ao lado para a viela, chamando a filha ainda de tenra idade dos vizinhos. — Harriet, sai já daí!

Andrew virou-se de barriga para baixo no sofá e pôs a almofada sobre a cabeça.

— Tens alguma ideia para amanhã quanto a *Ronnie Cook e os Seus Amigos*? — perguntou a Lenore.

— Não. Tu tens?

— Não. — Aconchegou melhor a almofada à cabeça.

— Vais tê-las amanhã — tranquilizou-o ela. — Tens sempre.

— Pois... — disse Andrew.

— Precisas de férias.

— Vai-te lá embora.

— Adeus — disse Lenore, preparando-se para sair. — Vê se tens uma boa noite de sono.

— O que quer que digas.

Andrew observava-a, com um olho aberto, vendo-a a deixar o alpendre onde ele trabalhava e a atravessar a sala de estar e a de jantar, em direcção às escadas. Tinha umas belas pernas. Ficamos sempre surpreendidos quando uma rapariga com uma cara daquelas tem umas belas pernas. Mas eram peludas. Não tinha mesmo sorte.

— Oh, não — lamentou Andrew assim que a porta se fechou atrás dela —, não és uma rapariga de sorte.

Fechou os olhos e tentou dormir. O sol entrava pelas janelas abertas, as cortinas agitavam-se suavemente sobre a sua cabeça e a luminosidade batia-lhe, cálida e reconfortante, nos olhos fechados. Do outro lado da rua, no campo de jogos, quatro rapazes lançavam bolas. Ouvia-se a agradável batida do taco e, algum tempo depois, o estalido da bola na luva do defesa. As árvores altas do exterior, tão antigas como Brooklyn, rumorejavam um tudo-nada de quando em quando, sempre que pequenas lufadas de vento varriam o campo de basebol.

— *Harriet!* — gritou novamente a governanta. — Pára com isso ou ponhote de castigo durante toda a tarde! *Harriet!* Já te disse para parares! — A governanta era francesa. Tinha o único sotaque francês desagradável que Andrew algum dia ouvira.

A garota começou a chorar.

— Mamã! Mamã! Mamã, ela vai bater-me! — Detestava a governanta e a governanta detestava-a, como tal faziam continuamente queixas uma da outra à mãe da garota. — Mamã!

— És uma mentirosinha! — gritava a governanta. — Vais crescer e ser mentirosa durante toda a vida. Não tens remédio!

— Mamã! — lamentava-se a garota.

Entraram em casa e fez-se novamente silêncio.

— Charlie! — gritou um dos rapazes no campo de jogos. — Atira-a para mim, Charlie!

O telefone tocou quatro vezes e Andrew ouviu a mãe a atender. Surgiu então no alpendre.

— É um homem do banco — disse. — Quer falar contigo.

— Não devia ter-lhe dito que eu estava em casa — respondeu Andrew.

— Mas estás em casa — replicou a mãe. — Como é que eu podia adivinhar que...

— Tem razão. — Andrew rodou as pernas e sentou-se. Tem toda a razão.

Encaminhou-se para a sala de jantar, para o telefone, e falou com o funcionário do banco.

— O senhor está com um saldo negativo de cento e onze dólares — anunciou.

Andrew olhou de relance para a mãe, sentada do outro lado da sala numa cadeira de costas direitas, com os braços cruzados sobre o colo, a cabeça ligeiramente inclinada, para não perder pitada.

— Julgava que tinha cerca de quatrocentos dólares na conta — dizia Andrew ao telefone.

— Está com um saldo negativo de cento e onze dólares — repetiu o funcionário.

Andrew suspirou.

— Vou ver o que se passa. — Pousou o auscultador.

— O que aconteceu? — perguntou a mãe.

— Estou com um saldo negativo de cento e onze dólares — respondeu.

— Que vergonha — disse a mãe. — Tens de ser mais metódico.

— Pois tenho. — Andrew dirigiu-se novamente para o alpendre.

— És demasiado descuidado. — A mãe seguia-o. — Devias tomar realmente conta do teu dinheiro.

— Pois devia. — Andrew sentou-se no sofá.

— Dá-me um beijo — pediu a mãe.

— Porquê?

— Por nada em especial — riu-se ela.

— Está bem. — Beijou-a e a mãe abraçou-o por instantes. Andrew estirou-se no sofá. Ela passou-lhe o dedo por baixo dos olhos.

— Estás com olheiras — notou.

— É verdade.

Ela beijou-o novamente e encaminhou-se para a parte de trás da casa. Andrew fechou os olhos. Das traseiras, chegou-lhe o barulho do aspirador. Sentiu os músculos a contraírem-se como forma de protesto contra o aparelho. Levantou-se e foi ao quarto da mãe onde ela passava o aspirador de um lado para o outro debaixo da cama. Tinha um joelho no chão e, inclinada, espreitava para baixo do móvel.

Ei! — gritou Andrew. — Ei, mãe!

Ela desligou o aspirador e ergueu o olhar para o filho.

— O que se passa?

— Estou a tentar dormir — queixou-se.

— Então porque não dormes?

— O aspirador está a fazer estremecer a casa.

A mãe levantou-se, com o rosto a revelar uma expressão carrancuda.

— Tenho de limpar a casa, não tenho?

— Por que razão tem de o fazer enquanto tento dormir?

A mãe voltou a ajoelhar-se.

— Não posso usar o aspirador quando estás a trabalhar. Não o passo usar quando estás a ler. Não o posso usar até às dez da manhã porque estás a dormir. — Ligou o aparelho. — Afinal, em que altura é que posso limpar a casa? — gritou, de modo a fazer-se ouvir com o aspirador ligado. — Porque não dormes à noite como toda a gente? — E voltou a baixar a cabeça, passando energicamente o aparelho de um lado para o outro.

Andrew deteve-se por momentos a olhar para a mãe. Não lhe ocorria argumento algum. Aquele barulho tão próximo de si deixava-o com os nervos em franja. Saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

O telefone estava novamente a tocar e ele atendeu:

— Estou?

— *Ahndrew?* — perguntou a voz do seu agente. Também era de Brooklyn, mas pronunciava o A de forma muito arrastada, com o que impressionava actores e patrocinadores.

— Sim, daqui *Ahndrew*. — Sem se rir, fazia sempre esta brincadeira com o agente, o que ele nunca parecia perceber. — Não precisavas de ligar. Os guiões do *Dusty Blades* estão terminados. Vais recebê-los amanhã.

— Estou a telefonar por causa de outra coisa, *Ahndrew* — continuou o agente, com um tom de voz muito suave e influente. — As queixas acumulam-se nas histórias do *Blades*. São mais lentas do que um caracol. Nunca acontece nada. *Ahndrew*, não estás a escrever para o *Atlantic Monthly*.

— Eu sei que não estou a escrever para o *Atlantic Monthly*.

— Acho que esgotaste o assunto — disse o agente de modo delicado, cortês. — Acho que devias tirar umas férias das histórias do *Blades*.

— Vai para o diabo, Herman — retorquiu Andrew, sabendo que o agente havia encontrado alguém que lhe escrevesse os guiões mais baratos.

— Isso é lá maneira de falar, *Ahndrew!* — queixou-se Herman, com o tom de voz ainda calmo mas um tanto ofendido. — Afinal, sou eu quem tem de ficar no estúdio a ouvir as queixas.

— Que coisa triste, Herman — disse Andrew. — É uma imagem digna de pena. — E desligou.

Coçou reflectidamente a nuca, voltando a sentir o pequeno caroço por trás da orelha.

Encaminhou-se para o quarto e sentou-se à secretária, olhando de forma inexpressiva para os apontamentos destinados à sua peça, que jaziam, impecavelmente empilhados, a amarelecer de um dos lados. Tirou o livro de cheques e as facturas do mês, espalhando-as à sua frente.

— Cento e onze dólares — murmurou, enquanto voltava a conferir, e adicionava e subtraía, com os olhos a arder do esforço, as mãos a tremer ligeiramente porque o aspirador continuava ligado no quarto da mãe. Lá fora, no campo de jogos, mais rapazes haviam chegado e formado um campo interior, e lançavam a bola à volta das bases, gritando uns com os outros.

Dr. Chalmers, setenta e cinco dólares. Isso foi para a mãe e para o seu estômago.

Oitenta dólares para a renda da casa. O tecto por cima da sua cabeça equivalia a dois *Ronnie Cook e os Seus Amigos*. Cinco mil palavras para a renda.

Buddy estava nas mãos de *Flacker*. *Flacker* poderia torturá-lo durante seis páginas. Depois, poderíamos ter *Dusty Blades* a apressar-se para o socorrer, com *Sam*, de barco, e o barco poderia estar a meter água uma vez que o condutor se encontrava às ordens de *Flacker*, e poderia surgir uma luta durante as seis páginas seguintes. O condutor poderia ter uma pistola. Poderia até ser usada, mas certamente não seria apreciado porque a mesma cena já havia ocorrido, pelo menos, quatro vezes.

Mobiliário, cento e trinta e sete dólares. A mãe sempre ambicionara uma boa mesa de sala de jantar. Não tinha empregada, dizia, portanto ele tinha obrigação de comprar-lhe uma. Quantas palavras para uma mesa de sala de jantar?

«Vá lá, *baby*, passa pelas duas bases!», gritava o rapaz na segunda base lá fora no campo. «Vamos!»

Andrew sentiu vontade de ir buscar a sua velha luva e de se juntar a eles. Quando ainda andava na faculdade, costumava sair aos sábados logo às dez da manhã. Ia para o campo lançar bolas e saltar de base em base. Corria, corria o dia inteiro, entrando em jogos de rua até ser demasiado tarde para se conseguir ver alguma coisa. Agora estava sempre cansado e mesmo quando jogava ténis não mexia bem os pés por se sentir exausto, batendo a bola de forma desajeitada e ao acaso.

Espanha, cem dólares. Valha-me Deus!

Cento e cinquenta para o pai, para honrar a sua folha de pagamentos. O pai tinha a seu cargo nove pessoas a quem dava a fazer pequenas engenhocas de metal que depois tentava pôr à venda em lojas de quinilharias. No final de cada mês, Andrew tinha assim de honrar a folha de pagamentos. O pai fazia questão de passar sempre um recibo.

Flacker está prestes a matar *Buddy* de raiva e desespero. Em lágrimas, *Dusty* encontra-se sozinho. Sam está ferido. A caminho do hospital. *Buddy* desaparece como por magia instantes antes de *Dusty* chegar. *Flacker*, muito prazenteiro e melífluo. Confronto. «Onde está *Buddy*, *Flacker*?», «Referes-te ao rapazola?», «Refiro-me ao rapazola, *Flacker*!»

Cinquenta dólares para o professor de piano de Dorothy. A sua irmã. Mais uma rapariga feia. Talvez acabasse por aprender a tocar piano. Então, um dia, iriam ter com ele e dizer: «Dorothy está pronta para a sua estreia. Estamos apenas a pedir-te que alugues a Câmara Municipal por uma quarta-feira à noite.

Adianta lá o dinheiro.» Nunca iria casar. Era demasiado inteligente para os homens que a queriam, e demasiado feia para os homens que ela queria. Comprava os vestidos no Saks. Ele teria de sustentar durante a vida inteira uma irmã que só se vestia do Saks, e pagar ao professor de piano cinquenta dólares por mês, todos os meses. Dorothy tinha apenas vinte e quatro anos, uma esperança de vida normal de, pelo menos, quarenta anos, doze vezes quarenta, mais vestidos do Saks e a Câmara Municipal de tempos a tempos...

Os dentes do pai — noventa dólares. O custo de manter um homem moralizado na sua luta perdida contra a idade.

O automóvel. Novecentos dólares. Um cheque de novecentos dólares parecia muito austero e impressionante, como uma colónia penal. Ele partiria de automóvel, encontraria um lugar nas montanhas, escreveria uma peça. Todavia, nunca conseguiria ir muito longe com *Dusty Blades e Ronnie Cook e os Seus Amigos*. Vinte mil palavras por semana, todas as semanas, repetindo-se tal como os domingos no calendário. Quantas palavras tem *Hamlet*? Trinta, trinta e cinco mil?

Trinta e três dólares para o Best's. Foi da camisola para o aniversário de Martha. «Ou dizes que sim ou que não», declarou Martha no sábado à noite. «Quero casar-me e já esperei tempo suficiente». Se casamos, pagamos renda de duas casas, eletricidade, gás, telefone duas vezes, e compramos meias, vestidos, pasta dentífrica e cuidados médicos à mulher.

Flacker remexia alguma coisa no bolso. A mão de *Dusty* surge abruptamente, agarra-lhe no pulso, tira-lhe a mão para fora. O pequeno canivete de *Buddy*, que *Dusty* lhe dera de presente de aniversário, está agora na mão de *Flacker*. «*Flacker*, diz-me onde está *Buddy Jones* ou mato-te com as minhas próprias mãos.» Soa um gongo. *Flacker* pisou num alarme. As portas abrem-se e o compartimento enche-se com os seus guarda-costas.

Vinte dólares para o Macy's, gastos em livros. Parrington,¹ *As Principais Correntes do Pensamento Americano*. Como é que *Blades* se encaixa n' *As Principais Correntes do Pensamento Americano*?

Dez dólares para o Dr. Farber.

«Não consigo dormir à noite. Pode ajudar-me?»

«Costuma tomar café?»

«Tomo uma chávena de manhã. É só.»

Comprimidos, para serem tomados antes de dormir. Dez dólares. Resgatamos as nossas vidas das mãos dos médicos.

Se casarmos, alugamos um apartamento no centro da cidade porque é disparatado viver deste modo em Brooklyn; e compramos mobiliário, quatro compartimentos repletos de mobiliário, camas, cadeiras, panos da louça, parentes. A família de Martha é pobre e não está a caminhar para nova, portanto, seriam três famílias, com rendas e roupas e médicos e funerais. Andrew levantou-se e abriu a porta do roupeiro. No interior, empilhados, viam-se os guiões que ele escrevera nos últimos quatro anos. Iam de um lado ao outro do enorme armário, uma ponte de milhões de palavras de uma parede à outra. Quatro anos de trabalho.

Próximo guião. Os guarda-costas aproximam-se de *Dusty*. Ele ouve *Buddy* a gritar no quarto ao lado.

Quantos mais anos?

O aspirador roncava.

Martha era judia. Isso significaria esgueirarmo-nos para alguns hotéis, se é que o faríamos, e não conseguirmos nunca escapar a uma certa tacanhez de espírito do mundo que nos rodeava; e quando os maus momentos chegassem ali estaríamos, à deriva naquele mar perigoso.

¹ Vernon Louis Parrington (1871-1929), historiador americano e autor de uma importante obra que lhe granjeou o Prémio Pulitzer na categoria História em 1928: *Main Currents of American Thought*. (N. da T.)

Sentou-se à secretaria. Mais cem dólares para Espanha. Barcelona caíra e as longas trincheiras empoeiradas batiam agora em retirada para a fronteira da França, com os aviões a sobrevoarem-nas. Sentindo-nos culpados por não estarmos, também nós, numa estrada coberta de poeira, ensanguentados e transidos de medo da morte, doamos cem dólares, achando ser demasiado e, ao mesmo tempo, nada que alguma vez possa ser suficiente. Três terços de *As Aventuras de Dusty Blades* para os mortos e moribundos de Espanha.

O mundo sobrecarrega-nos, dia após dia, com novos fardos que vão aumentando o peso sobre os nossos ombros. Levantemos uma grama e descobriremos estar a transportar uma tonelada. «Casa comigo», insiste ela, «casa comigo». Então o que faz *Dusty*? Que diabo pode ele fazer que ainda não tenha feito? Durante cinco tardes por semana, durante um ano, *Dusty* esteve nas mãos de *Flacker*, ou nas mãos de outra pessoa qualquer que é *Flacker* mas tem outro nome, e de todas as vezes escapou. E agora?

O aspirador roncava agora no corredor, do lado de fora do meu quarto.

— Mãe! — gritou. — Por favor desliga essa coisa!

— O que disseste?

— Nada.

Andrew somava os extractos bancários. Os números mostravam que a conta estava quatrocentos e doze dólares negativa, e não cento e onze, como o empregado do banco dissera. Não lhe apeteceu voltar a somar. Guardou as facturas e os extractos num envelope para a sua declaração de rendimentos.

— Força, Charlie! — gritou um rapaz no campo de jogos. — Lança uma rápida!

Apetecia-lhe ir jogar com eles. Mudou de roupa e calçou um par de sapatilhas antigas que estavam no fundo do roupeiro. As calças velhas ficavam-lhe apertadas. Gordo. Se algum dia se desleixasse, se acontecesse alguma coisa e ele não pudesse fazer exercício, implodiria como uma casa; se adoecesse e

tivesse de ficar acamado e a convalescer... Talvez *Dusty* tivesse uma faca numa bainha, debaixo da manga... Mas como? A renda, a comida, o professor de piano, as empregadas do Saks que vendiam os vestidos à irmã, as raparigas desenvoltas que pintavam as enghocas de metal na loja do pai, os dentes na boca do pai, os médicos, todos a viverem das palavras que tinham de sair da sua cabeça. Repara, *Flacker*, sei o que estás a tramar. Didascália: Som de um disparo. Um gemido. Rápido, antes que o comboio chegue à passagem de nível! Vejam! Está a ganhar-nos terreno! Rápido! Será que vai conseguir? Irá *Dusty Blades* interceptar o bando desesperado de falsificadores e assassinos na corrida para o iate? Serei eu capaz de aguentar? Os anos, os anos que temos pela frente... Engordamos e as rugas por baixo dos olhos tornam-se permanentes, e bebemos em demasia e pagamos cada vez mais aos médicos porque a morte está mais próxima e não há uma pausa, não há férias da vida, em ano algum podemos dizer: «Não quero tomar parte neste, queiram desculpar.»

A mãe abriu a porta:

— Martha está ao telefone.

Andrew seguiu-a ruidosamente com as suas sapatilhas com pitons, segurando a luva velha e rasgada. Fechou a porta que dava para a sala de jantar para mostrar à mãe que se tratava de uma conversa privada.

— Olá — disse ele. — Sim. — Ouvia com expressão séria. — Não — respondeu. — Julgo que não. Adeus. Boa sorte, Martha.

Deteve-se a olhar para o telefone. A mãe entrou e ele ergueu a cabeça e encaminhou-se para as escadas.

— Andrew! — chamou-o. — Quero perguntar-te uma coisa.

— O quê?

— Podes dispensar-me cinquenta dólares, Andrew?

— Oh, meu Deus!

— É importante. Sabes que não te pediria se não o fosse - É para Dorothy.

— Para que precisa ela deles?

— Vai a uma festa, a uma festa muito importante, com a presença de imensa gente influente e ela tem a certeza de que lhe pedirão para tocar...

— Os convites são a cinquenta dólares por cabeça? — Andrew deu um pontapé no primeiro degrau e um pequeno pedaço de lama seca soltou-se das sapatilhas.

— Não, Andrew — A mãe empregava o seu tom de voz preciso-de-dinheiro. — É para um vestido. Não pode ir sem um vestido novo, é o que diz. Vai lá estar um homem de quem ela anda atrás.

— Ela não vai engatá-lo, com ou sem vestido — respondeu Andrew. — A sua filha é uma rapariga muito feia.

— Eu sei. — As mãos da mãe inquietaram-se ligeiramente, de impotência e tristeza. — Mas sempre é melhor se, pelo menos, fizer o que estiver ao seu alcance. Sinto tanta pena dela, Andrew...

— Toda a gente vem ter comigo! — gritou Andrew, com o tom de voz subitamente a elevar-se. — Ninguém me deixa em paz! Nem por um minuto!

Ele chorava agora e voltou-se para o esconder da mãe. Ela olhou para o filho, surpreendida, abanando a cabeça. Abraçou-o.

— Faz apenas o que quiseres fazer, Andrew, tão-somente isso. Não faças nada que não queiras.

— Pois... — respondeu Andrew. — Pois... Desculpe. Eu dou-lhe o dinheiro. Desculpe ter gritado consigo.

— Não mo dêes se não quiseres, Andrew. — A mãe dizia isto com toda a sinceridade, acreditando nas suas palavras.

Ele riu-se.

— Eu quero, mãe, eu quero.

Andrew afagou-lhe o ombro e desceu os degraus, seguindo em direcção ao campo de basebol, deixando-a perplexa no cimo das escadas.

O sol e a brisa deixavam o campo aprazível e durante uma hora esqueceu-se de tudo o resto, porém, movimentava-se com dificuldade. O braço doía-lhe na zona do ombro sempre que lançava a bola, e o rapaz que jogava na segunda base tratou-o por Senhor, o que não teria feito no ano anterior, quando Andrew tinha vinte e quatro anos.

FIM